

Reportagem Especial

DEPENDÊNCIA

Crack à venda na porta de escolas

Polícia denuncia que drogas são vendidas na frente de escolas e que alunos também comercializam para poder usar de graça

Eliane Proscholdt
Francine Spinassé

Cada vez mais ousados, traficantes estão vendendo crack na frente e nas imediações de escolas da rede pública na Grande Vitória, nos horários de entrada e saída dos alunos.

Pelas denúncias, o uso e a venda têm ocorrido até mesmo dentro das instituições de ensino, nos horários de intervalo, segundo o titular da Delegacia do Adolescente em Conflito com a Lei (Deacle), delegado Wellington Lugão.

Um dos exemplos que chegou à Deacle foi o de uma adolescente de 15 anos, flagrada com sete pedras dentro da mochila.

A descoberta foi feita depois que essa adolescente, que estuda em uma escola da rede pública da Grande Vitória, contou para uma colega que tinha comprado as pedras e escondido na bolsa.

“Uma pessoa ouviu e fez a denúncia à direção do colégio, que chamou a Polícia Militar. Ela foi

encaminhada para a Deacle e confessou que é usuária”, contou o delegado, destacando que as denúncias são de escolas públicas, embora ele não descarte o uso de drogas também na rede privada.

Lugão disse que a lei prevê aumento da pena em dois terços se a infração tiver sido cometida nas dependências de ensino, podendo chegar até a 25 anos se o autor for maior de idade. Se for menor, pode pegar no máximo três anos.

Quando o flagrante é por uso de drogas, é feito um termo circunstanciado, para maiores de idade, e boletim de ocorrência, para menores. Todos são liberados e ficam à disposição da Justiça.

O soldado Alex Sandro Bertulani, que atua na patrulha escolar da Polícia Militar, destacou que na frente de escolas é mais comum a venda de maconha.

“O crack é em menor quantidade. Na maioria das vezes, os próprios adolescentes vendem para consumir de graça”, afirmou.

O titular da Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes (Deten), delegado Diego Yamashita, afirmou que quando há denúncias de tráfico nas imediações de escolas, procura-se dar prioridade, por se tratar de um local mais sensível.

“Tentamos identificar os grandes traficantes, que fornecem para os menores que vendem na frente de escolas”, disse.



FRANCISCO VELOSO mostra uma das pedras de crack que foram compradas próximo a uma escola em Vila Velha

FRANCISCO VELOSO SUBSECRETÁRIO

“Quinze pessoas na fila para comprar”

Para provar que a compra e venda de drogas está sendo feita de forma livre nas imediações de escolas, um servidor público comprou e comprovou o crime.

Ele é assessor do subsecretário de Combate às Drogas da Secretaria de Defesa Social da Prefeitura de Vila Velha, Francisco Veloso, e fez o flagrante na última terça-feira. Duas pedras de crack foram compradas nas proximidades de escolas públicas de Boa Vista.

A TRIBUNA — Por que o senhor decidiu comprar as pedras?

FRANCISCO VELOSO — Na terça-feira eu estava fazendo uma palestra de prevenção em uma escola de Vila Velha e um aluno de 8 anos fez várias perguntas sobre drogas.

Depois, ele disse: “Tio, essas coisas (drogas) são usadas e vendidas direto no meu bairro. Por que vocês não vão lá para tirar essas pessoas das ruas?”.

> Como reagiu?

Perguntei qual era o bairro onde ele morava e o garoto falou que era Boa Vista (Vila Velha). Eu e meu assessor saímos da palestra e eu disse para a gente passar lá e tentar comprar as pedras. Disse que, se conseguisse comprar, iria levar à Assembleia Legislativa hoje (ontem). E levei.

> O que viu no bairro?

No local havia uma fila para comprar a droga.

> Havia estudantes na fila?

Não identifiquei, mas vi muitos

estudantes passando no local e vendo os caras consumindo e vendendo tranquilamente. Tinha um rapaz com uma bolsa, cheia de pedras e dinheiro.

> Quem comprou?

Meu assessor comprou duas pedras. Cada uma custou R\$ 10. Ele não teve dificuldade. Isso foi às 17 horas, horário de saída escolar.

> Quantos estavam na fila?

Havia 15 pessoas na fila para comprar e outras chegando a pé, de bicicleta e de carro. Outros 20 usavam a pedra ali mesmo. Lá é um lugar de passagem, de famílias, de estudantes. Ali está nascendo uma cracolândia.

Isso é muito preocupante. É indutivo. Esses caras (traficantes) fazem sucesso, têm moto, não precisam estudar para ter dinheiro. Vamos investigar esses locais, percorrer escolas e tentar identificar essas bocas de fumo.

“Havia pessoas chegando a pé, de bicicleta e de carro para comprar. Outros 20 usavam a pedra ali mesmo”



JULIA TERAYAMA - 12/07/2011

O DELEGADO WELLINGTON LUGÃO investiga o tráfico de drogas envolvendo menores na porta de escolas públicas

OUTROS CASOS EM ESCOLAS

Droga apreendida

Em maio deste ano, a Polícia Militar fez uma apreensão de drogas em um bar, que fica em frente à Escola Ceciliano Abel de Almeida, no bairro Itararé, em Vitória.

A suspeita, na época, era de que as 61 pedras encontradas no local seriam da nova droga, o oxi, mas não foi confirmada. Segundo os moradores, a região é conhecida pelo tráfico de drogas.

Reunião com 10 pais

A equipe do Comissariado do Juizado da Infância e Juventude de Vila Velha vai se reunir na próxima semana com cerca de 10 pais de alunos que estão matando aulas.

Esses alunos são suspeitos de vender drogas, inclusive o crack, na porta do colégio. “Nesse encontro, os pais serão questionados se estão acompanhando a frequência dos filhos na escola, e também as notas deles”, observou Alexandre Latorraca, coordenador do Comissariado.



JULIA TERAYAMA - 29/09/2010

Dentro da instituição

Um adolescente foi detido dentro da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio de Nova Carapina II, na Serra, no ano passado, após confessar que vendia drogas na instituição de ensino.

Com o garoto, a Polícia Militar encontrou nove buchas de maconha. O aluno admitiu que vendia maconha na escola e que ganhava R\$ 40 por dia pela venda.

DEPENDÊNCIA

Internação para crianças na Ufes

Para ajudar no tratamento de crianças e adolescentes dependentes químicos, a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) vai criar um centro de tratamento. O projeto prevê atendimento de urgência e internações curtas, de até 72 horas.

De acordo com o psiquiatra e psicanalista Ruy Perini, no projeto, que está sendo feito em parceria com a Secretaria de Estado da Saúde (Sesa), está prevista a construção de um prédio dentro do campus da Ufes, em Maruípe.

“A intenção é que o prédio abrigue dois Centros de Atenção Psicossocial (Caps). Um destinado à crianças e adolescentes e outro a

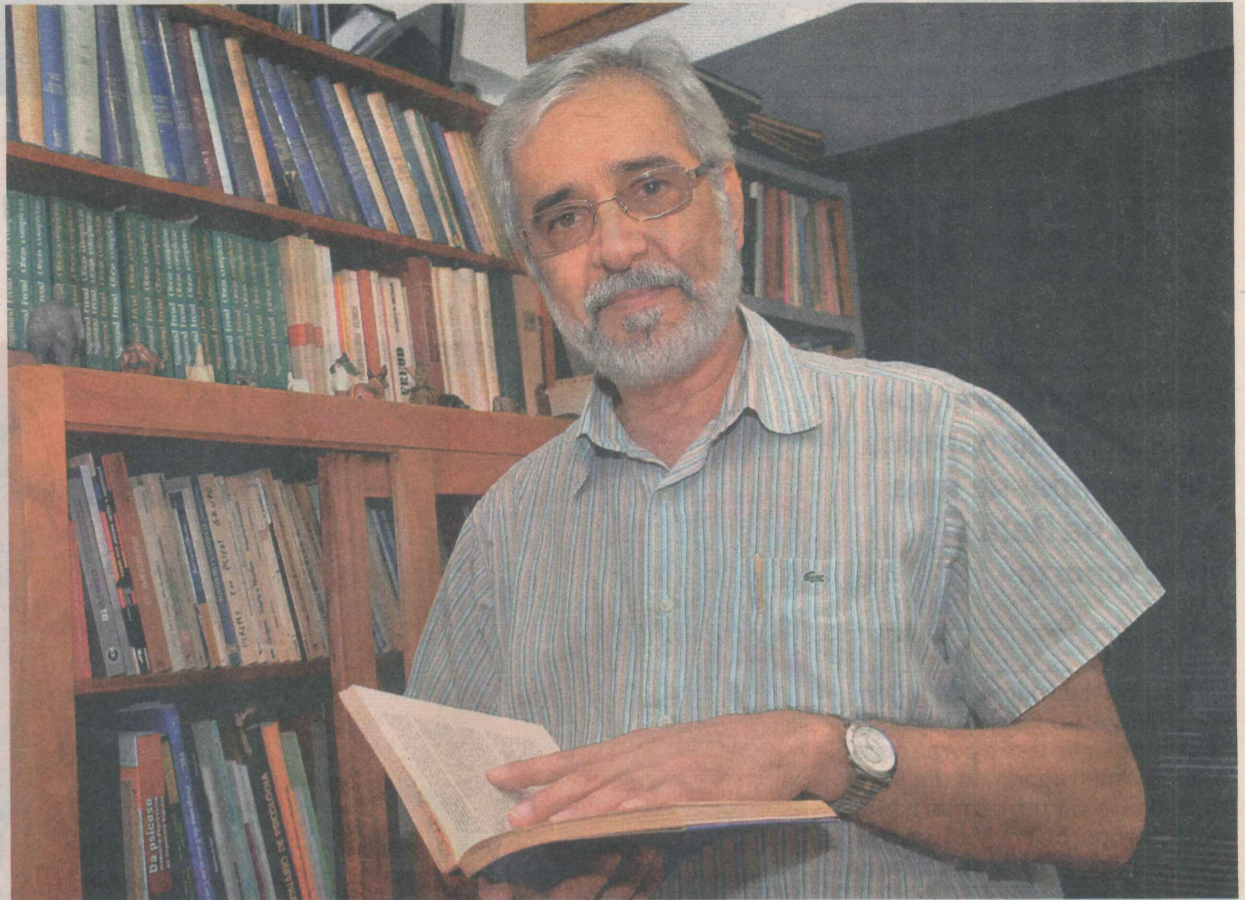
“Para atender essas famílias, vamos ter leitos de curta permanência, onde os dependentes poderão ficar de 24 a 72 horas”

maiores dependentes de álcool e drogas. Será um centro preparado para atender casos de alta complexidade, aberto 24 horas por dia”, afirmou Perini.

O psiquiatra disse que a ideia, por exemplo, é que uma família que encontra um filho na rua, no meio da noite, com problemas relacionados ao vício, possa ter um local para buscar atendimento.

“Para atender essas famílias, vamos ter leitos de curta permanência, onde os dependentes poderão ficar de 24 a 72 horas. São leitos que serão usados só até que o paciente se reestabeleça. Esse jovem também terá como retaguarda o Hospital das Clínicas (Hucam), que pode atender aos problemas de saúde que tiver por causa das drogas”, contou o médico.

O projeto também prevê o trabalho em rede com outros serviços de saúde. Perini afirmou que se o jovem necessitar de uma internação por um tempo maior, isso seria feito por meio dessa rede, que irá direcioná-lo às instituições parcei-



O PSQUIATRA Ruy Perini afirma que as famílias vão poder levar os filhos para os Centros de Atenção Psicossocial

ras do projeto.

“Vamos também atender profissionais de saúde, com treinamento e palestras. Para trabalhar, temos pessoas de várias áreas, como:

psicologia, área médica, artes e educação física”, disse.

Hoje, a Ufes já tem um Caps no campus, mas para atender crianças e adolescentes com problemas

sociais e deficiência mental.

“Atualmente, atendemos cerca de 50 pacientes no Caps Infantil. A ideia é termos quatro vezes mais pessoas se tratando”, destacou.

Deputados defendem tratamento obrigatório

Deputados e profissionais da área de saúde debateram, ontem, na Assembleia Legislativa do Espírito Santo (Ales), a internação compulsória, ou seja, sem o consentimento das pessoas em clínicas de reabilitação.

O deputado estadual Rodney Miranda afirmou ser a favor da medida, mas ainda há aspectos legais para serem debatidos, pois teria que ter mudanças na legislação ou uma flexibilização da Justiça.

“Sou favorável, pois temos que dar uma solução para o problema dessas famílias que têm dependentes, viciados, na iminência de morrer e sem perspectivas. Sei que ainda é preciso mais estruturas, mas estamos começando o debate”, afirmou.

Ele destacou que o País tem milhões de usuários de crack. “Va-

mos coletar opiniões de especialistas e estudar a viabilidade de propostas legislativas que possam contribuir para barrar essa epidemia do crack”, disse Rodney Miranda.

Foram ouvidos o psicólogo e psicanalista Renato Vieira, o especialista em dependência química Francisco Veloso, o deputado Rodney Miranda e o ex-dependente químico Elyeder Fabrício Santos.

O médico psiquiatra e escritor Vicente Ramatis também expôs seu ponto de vista durante a Audiência Pública.

“Sou favorável, pois acredito que a internação é um ato de compaixão ao semelhante que precisa de ajuda. Essas pessoas estão tomadas pelo vício de uma tal maneira que não está mais dentro de si”, afirmou o médico.

Internação até se livrar do vício é forçada por agentes no Rio

A prefeitura do Rio de Janeiro regulamentou, em maio deste ano, e colocou em prática, a lei que permite que crianças e adolescentes dependentes de drogas sejam internadas mesmo sem o consentimento deles ou dos pais.

A determinação é que menores apreendidos em “cracolândias” fiquem internados para tratamento médico. Eles só devem receber alta, depois que estiverem livres do vício, após tratamento em casas de apoios especializadas para atender a esse público.

Na capital fluminense, a medida dividiu opiniões de especialistas. Muitos acreditam que a determinação é inconstitucional, por isso não deveria ser válida. Outros dizem que a internação compulsória não recupera.

ABORDAGEM

O novo protocolo de abordagem divulgado pela Prefeitura, estabeleceu que os menores que, “na avaliação de especialistas, estiveram comprometidos com o uso do crack e outras drogas psicoativas deverão ter os responsáveis identificados, bem como, o Conselho Tutelar e as Varas da Infância deverão ser comunicados”.

A resolução também determina que as crianças e adolescentes acolhidos à noite, “independente de estarem ou não sob a influência do uso de drogas”, não poderão sair do abrigo até o dia seguinte.

Os menores que, após o tratamento, não estiverem em condições de ser reinseridas em suas famílias, serão encaminhadas para adoção.

ELIANE PROSCHOLDT

CRUZ FEITA COM CACHIMBOS DE CRACK é levada a escolas para mostrar aos estudantes que a morte é o fim de quem não quer se tratar



Palestras e conversas sobre prevenção nas aulas

Palestras, conversas em salas de aula e vigilância são as estratégias adotadas pelos municípios para prevenir o uso das drogas.

O secretário de Segurança Urbana de Vitória, Alcemir Pantaleão, falou sobre o projeto SDD (Sexo, Drogas e Diálogo) que é desenvolvido nas escolas municipais da Grande São Pedro, abordando os temas por meio de dinâmicas, vivências e brincadeiras. Ele também disse que há palestras e rondas feitas pela Guarda Municipal.

Em Vila Velha, o subsecretário de Combate às Drogas da Secretaria de Defesa Social, Francisco Veloso, também faz palestras nas escolas. Ele leva um quadro com 35 cachimbos para a sala de aula.

O material foi entregue por usuários que buscaram ajuda. Os cachimbos foram colados em uma cruz, que simboliza o caminho para quem não larga o vício: a morte.

A Secretaria de Educação de Cariacica mantém projetos educacionais e esportivos com crianças e jovens do ensino fundamental, com dança, capoeira e teatro.

A prefeitura da Serra informou que tem projetos no combate à violência, alguns em parceria com empresas privadas, Ufes e Justiça.

O diretor de Política Educacional do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Estado (Sindiupes), Daniel Barboza Nascimento, diz que é preciso agir na causa, criando políticas de segurança e oferecendo atrativos.

Já o chefe do Comando de Polícia Ostensiva Metropolitana, coronel Ronalt Willian de Oliveira, informou que o Serviço de Inteligência faz um levantamento de comercialização e uso de drogas no entorno de colégios.

Ele pediu que, se alguém flagrar o tráfico, deve ligar para o 190.

O QUE ELES DIZEM



“No mundo ideal, todos se internariam de forma voluntária, mas temos que fazer algo”

Rodney Miranda, deputado estadual



“Se o Estado não der tratamento a essas pessoas, a violência só vai aumentar”

Gilson Lopes, deputado estadual